

O Jardim de Epicuro e sua atualidade

Altamiro Sergio Mol Bessa – UFMG

No momento em que estamos sendo fortemente confrontados por pensamentos obscuros, ancorados em crenças irracionais e mistérios nebulosos, impressiona a atualidade do pensamento do filósofo Epicuro e seu jardim, um *kepos*¹, um lugar de ensinamento que nos aponta uma possibilidade de caminho para uma vida serena e uma felicidade estável, especialmente em tempos adversos, que sempre existirão enquanto existir humanidade.

O Jardim de Epicuro, do qual não se conhece exatamente sua materialidade formal, o que aqui é irrelevante, era uma confraria, uma comunidade escola da qual qualquer um podia tomar parte. A contemporaneidade do pensamento desenvolvido nesse lugar, ao longo destes mais de dois mil e trezentos anos desde a morte do filósofo, é comprovada pela retomada de suas ideias por importantes pensadores, de diferentes períodos e correntes filosóficas, como Lucrécio, Diógenes Laércio, Montaigne, Vanini, Gassendi, Hobbes, Spinoza, Hume, Betham, Mill, Kant, Hegel e Marx.

A Grécia de Epicuro já não era mais a formada pelo conjunto das póleis, as Cidades-Estados, com autonomia e independência, “unidas pelo sentimento comum de helenidade frente aos bárbaros. [...] A Grécia de Epicuro pertence ao período helenístico, inserida, desde a derrota de Queroneia, no Império Macedônico” (PESSANHA, 2007, p.87). Com essa dominação encerra-se a experiência de democracia das Cidades-Estados e advém a das monarquias, que substitui os *nomoi*, a legislação estabelecida pelos cidadãos em decisões coletivas, pela lei do soberano. “Não fundamentadas no princípio da *isegoria* — direito ao uso político da palavra (na ágora) —, típico da experiência democrática, as leis assumem caráter monológico e, ao mesmo

¹ *Kepos*, em grego, é uma espécie de jardim utilitário, para alimentação frugal.

tempo, pessoal, autoritário e casuístico” (PESSANHA, 2007, p.89). Essa dominação macedônica também não só privava o ateniense da sua cidadania como também não permitia mais a livre expressão dos filósofos. “A miséria e a pobreza chamavam para Atenas seitas religiosas e credices de modo que os magos e feiticeiros logo correram para lá em busca de sucesso” (SPINELLI, 2013, p.6). Espalham-se a pobreza, o medo e a insegurança.

Estabelecendo-se nessa Atenas no ano de 306 a.C., primeiro numa casa, adquirindo depois um grande jardim, Epicuro passou a viver com seus seguidores longe dos acontecimentos perturbadores da pólis. “Da casa passam a sair, abundantemente, livros, panfletos e cartas, enquanto no Jardim (*kepos*) acomodam-se os discípulos que depois vão difundir a doutrina por toda parte, permanentemente alimentados, do ponto de vista doutrinário, por novos textos e pela frequente correspondência” (PESSANHA, 2007, p.93).

Qualquer um podia participar do cotidiano do Jardim, nome pelo qual ficou conhecida a comunidade epicurista. Pobres, ricos, cidadãos, escravos, estrangeiros, mulheres donas de casa, prostitutas e escravos. Essa diversidade serviu de motivo para que se propagasse, no imaginário da época, a ideia do Jardim como um lugar de libertinagem, associando Epicuro a um hedonista, o que nunca foi.

O que acontecia realmente dentro do Jardim era o cultivo da liberdade, no “dever ser e fazer o que é natural e racionalmente devido, e não a vida dissoluta (a *asôtia*), a libertinagem e a desordem. Ali ele punha em prática, sobretudo, o grande ideal que forjou para si mesmo e para a sua comunidade: viva escondido (a *lâthe biôsas*) e cuide de si mesmo (a *autárkeia*)” (SPINELLI, 2013, p.8).

Os amigos vinham de toda a parte para viver com Epicuro no seu Jardim “numa convivência muito simples e modesta. Contentavam-se

com um copo de vinho, mas em geral bebiam apenas água” (SPINELLI, 2013, p.9). Praticavam hábitos simples, sem abrir mão do conforto pessoal. Não buscavam arrebatamentos estéticos ou sensoriais, mas apreciavam as coisas simples, como cultivar e consumir os próprios alimentos. Evitavam os trabalhos tediosos e repetitivos, e acreditavam que, se todos vivessem uma vida prazerosa e simples, a velhice poderia ser o auge da vida. A esse respeito, em achados da Biblioteca do Vaticano, encontrou-se esta frase de Epicuro: “Não é o jovem que deve ser considerado uma criatura de sorte, mas sim o velho que viveu bem, pois o jovem, na flor da idade, vai para lá e para cá ao sabor do acaso, hesitando em suas crenças, ao passo que o velho atracou no porto havendo garantido para si a verdadeira felicidade”.

A obra de Epicuro assenta-se num tripé: um metodológico, chamado de *Canônica*, que tratava das normas da sua doutrina; o segundo, *Física*, que reunia os estudos das coisas físicas e naturais; e *Ética*, sobre o agir moral para uma vida feliz. “Tomando a medicina por modelo, a filosofia para Epicuro e seus seguidores nada tem a ver com mera instrução: vale em função de seus efeitos, é essencialmente atividade curativa e libertadora” (PESSANHA, 2007, p.95).

Para o pensador, nós adquirimos, ao longo de toda a vida, informações que se acumulam e interferem em nossos juízos. Então, se quisermos juízos novos, temos que nos libertar de antigos preconceitos e julgamentos. Como não podemos fazer isso totalmente, porque nós somos a nossa experiência, devemos manter vigilante atenção para modificar o que em nós está arraigado. Um cuidado contínuo de abertura para o novo. Ele acreditava que tudo que existe é feito de átomos, inclusive a alma humana, e que a morte é a simples desagregação desse arranjo atômico do qual somos feitos. Dizia ser o medo da morte infundado, pois vem da expectativa da sua

chegada. Quando ela chega é finalmente a paz, pois não há nenhum sofrimento depois dela. Por sermos mortais, o tempo desta breve vida deve ser o de acumular lembranças construídas que possam ser ingredientes futuros para superação dos momentos dolorosos. O filósofo morre serenamente: coloca-se numa banheira de bronze com água quente, pede um copo de vinho e bebe. Depois exorta seus discípulos a seguirem seus ensinamentos e morre, segundo relatou Diógenes Laércio.

A repercussão da obra epicurista pode ser comprovada em três achados importantes. Em 1750, foram descobertas as ruínas da biblioteca do livreiro Fernando Gandara, em Herculano, que havia sido soterrada pela erupção do Vesúvio em 79 d.C. Nessa Biblioteca foram encontrados mais de dois mil rolos de papiros carbonizados que estão sendo lentamente reconstruídos pela Universidade de Nápoles. Deles já se conseguiu recolher importantes fragmentos da doutrina de Epicuro. Outro achado valioso deu-se em Enoanda, hoje Turquia, em 1884, por dois arqueólogos franceses, quando foram descobertos fragmentos da filosofia epicurista em pedras. Em 120 d.C., Diógenes de Enoanda, seguidor das ideias de Epicuro, gastou sua fortuna inscrevendo nos muros da cidade os seus pensamentos, pois imaginava que nem o tempo, tampouco as traças poderiam assim apagá-los. Hoje, já dispomos de muitos pensamentos epicuristas advindos dessa descoberta. Por fim, em 1888, foram encontradas 81 sentenças em um manuscrito na Biblioteca do Vaticano. Contudo, o que nos chega até o momento é apenas uma parte das numerosas obras produzidas no jardim epicurista, que Diógenes Laércio afirma serem aproximadamente trezentos títulos.

Os jardins atravessam a história sendo um misto de idealidade e materialidade, sendo sua sobrevivência dependente de uma ética

constante do cuidado, como nos fala Adriana Veríssimo Serrão no capítulo precedente. São lugares especiais criados como peças de resistência, modelos de paraíso que deixam de fora dos seus limites protegidos a selvageria, a barbárie e as feras (SCHAMA, 1996, p.233). Foi num Jardim que Epicuro construiu uma potente filosofia, que encontrou nesse tópus as condições para o seu florescimento, especialmente pelo contraponto que ofereceu à tirania e à irracionalidade do seu tempo e a todos os outros vindouros. Expulsou para fora de seus limites os acontecimentos terríveis da época em que vivia, que, na visão do filósofo, eram impossíveis de serem modificados pela ação social e política. Dentro dele edificou o paisagismo imaterial de um “mundo interior, subjetivo, a ser libertado das ilusões e credices que atormentam e escravizam a alma. E se a felicidade não pode mais advir da participação num projeto coletivo de procura do bem e da justiça, isso não impede que ela seja construída pessoal e intimamente. Sábio é agora não mais aquele que, como no tempo de Platão, deve comandar o leme da nau da Cidade, mas o que se desliga completamente dos tumultos e das agruras da vida política para construir a serenidade espiritual e dirigir livremente sua nau interior. ‘Vive ignorado’, aconselha Epicuro” (PESSANHA, 2007, p.93).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SPINELLI, Miguel. *Epicuro e as bases do epicurismo*. São Paulo: Editora Paulus, 2013.

PESSANHA, José Américo Motta. As delícias do jardim. In: NOVAES, Aduato (Org.). *Ética. Vários Autores*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.